



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FREITAS, Luciana Lorenzetti T. Análise do caráter: uma nova prática, para uma nova teoria. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. **Psicologia Corporal**. Revista Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, 2011. Disponível em: <http://www.centroreichiano.com.br/artigos-cientificos/>  
Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

# ANÁLISE DO CARÁTER: UMA NOVA PRÁTICA, PARA UMA NOVA TEORIA

Luciana Lorenzetti T. de Freitas

## RESUMO

Wilhelm Reich a partir da compreensão do caráter, desenvolveu um procedimento técnico para a análise e a diminuição dos aspectos não saudáveis do caráter, sendo eles os aspectos defensivos. Esta metodologia é conhecida como análise do caráter. Consiste fundamentalmente em compreender a forma de comportamento, tornar consciente aspectos defensivos que geram sofrimento. Deste modo, esta consciência ocorre em três estados: o aspecto psíquico afetivo comportamental relacional, a contrapartida orgânica muscular sendo a correspondência da contração muscular e o estrangulamento energético-sexual. A partir disso, utilizam-se recursos técnicos para eliminar o foco de tensão e auxilia na transformação da contração crônica, a couraça, em mobilidade energética. Neste sentido, o indivíduo adquire recursos próprios para a prevenção de um novo bloqueio, formando uma auto-regulação energética.

**Palavras-chave:** Análise do Caráter. Caráter. Couraça. Técnica de Análise do Caráter. Wilhelm Reich.

---

## 1. ANÁLISE DO CARÁTER

De acordo com Volpi e Volpi (2003), enquanto pertencente à classe psicanalista, Reich encontrou algumas falhas terapêuticas, e com isso buscou um melhor esclarecimento através de outras técnicas que não as que vinham utilizando, e que lhe despertava indagações.

Segundo Reich (1989), se todos os pacientes aderissem às regras essenciais, não haveria razão para se escrever um livro sobre análise do caráter. Mas, apenas alguns pacientes são capazes de análise desde o princípio; a maioria deles adere às regras básicas só depois de as resistências terem sido dissolvidas com êxito.

O caráter, como estrutura defensiva e articulada do ego, assume papel destacado na concepção reichiana. Contudo, o estudo das resistências caracterológicas, a ser abordado clinicamente a partir de uma técnica específica, é chamado análise do caráter.

Propõe-se uma intervenção direta sobre o corpo a partir da concepção de que o conflito entre pulsão e defesa é algo que ocorre não apenas no âmbito psíquico, havendo um componente somático a ser considerado (REGO, 2003).



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FREITAS, Luciana Lorenzetti T. Análise do caráter: uma nova prática, para uma nova teoria. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. **Psicologia Corporal**. Revista Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, 2011. Disponível em: <http://www.centroreichiano.com.br/artigos-cientificos/>  
Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

## 2. TÉCNICA DE ANÁLISE DE CARÁTER

Na técnica de análise de caráter, referenciando Reich (1989, p. 17), o analista depara diariamente com problemas para cuja solução:

Nem o conhecimento teórico ou a experiência prática isolada são adequados. Pode-se dizer que todas as questões de técnica enfeixam-se em torno de uma essencial: se é como uma técnica claramente definida de tratamento analítico pode ser deduzida da teoria psicanalítica de doenças psíquicas. É a questão das possibilidades e dos limites da aplicação da teoria à prática.

Entretanto, pelo fato de o exercício analítico não prover a teoria de processos psíquicos até que tarefas práticas tenham sido estabelecidas, temos, para proceder corretamente, de procurar os caminhos que, partindo da prática puramente empírica, passam pela teoria e terminam numa prática teoricamente fundamentada (REICH, 1989).

Deste modo, “no tratamento analítico, é preciso renunciar ao ordenamento habitual de pensamentos do indivíduo cotidianamente requerido e permitir que o fluxo de idéias se manifeste livremente, sem seleção crítica”. Assim, a chamada “regra básica da psicanálise, que requer a eliminação do censor e a entrada em cena da livre associação, é o processo mais rigoroso e indispensável da técnica analítica” (REICH, 1989, p. 18).

Portanto, sabe-se que o analista tem de quebrar as resistências e administrar as transferências, mas a maneira e a ocasião em que isto deve ocorrer, o discernimento que sua abordagem deve ter na execução dessa tarefa em vários casos e situações sofrem variações dependendo da técnica utilizada (REICH, 1989).

A forma que esta tarefa é executada constitui peças fundamentais para o desenvolvimento do processo terapêutico, o que Reich chamou de técnica da análise do caráter. São pontos norteadores que auxiliam o terapeuta nesta tarefa.

Ainda sobre a técnica de análise de caráter, embora Reich (1989, p. 51) trabalhasse com o ponto de vista econômico, justifica que o método terapêutico tem estreita dependência dos seguintes conceitos básicos:

O ponto de vista topográfico determina o princípio de técnica no sentido de que o inconsciente tem de ser tornado consciente; o ponto de vista dinâmico estabelece que esse tornar consciente o inconsciente não deve ser realizado diretamente, mas mediante a análise de resistência; o ponto de vista econômico e o conhecimento da estrutura impõem que, na



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FREITAS, Luciana Lorenzetti T. Análise do caráter: uma nova prática, para uma nova teoria. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. **Psicologia Corporal**. Revista Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, 2011. Disponível em: <http://www.centroreichiano.com.br/artigos-cientificos/>  
Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

análise de resistência, cada caso individual acarreta um plano definido que deve ser deduzido do caso em si.

Reich não acreditava na transferência positiva que se apresentava no início do tratamento. Queria saber por que o paciente resistia, contra que, e de que forma resistia. Para responder a esta pergunta, buscou trabalhar sobre uma transferência positiva mais sólida. Desta forma saiu de trás do divã para se sentar de frente com o paciente; para poder olhá-lo e ser olhado (VOLPI, 2003). Com isso, Reich encontrou, além das resistências já conhecidas pela Psicanálise, as resistências latentes, que se mostravam por meio de gestos, posturas, tom de voz, etc., e passou a atacá-las diretamente, indicando ao paciente contra o que ele estava resistindo e de que forma resistia.

Dissolvidas as resistências, o material doloroso tornava-se claro, relacionado a conflitos essenciais da pessoa, que por sua vez, eram à base de toda a neurose. Seguindo desta forma, Reich (1982), alcançava uma real transformação nas atitudes, no funcionamento do indivíduo. Em outras palavras, chegava a uma modificação na estrutura de caráter.

Só a partir desse trabalho, como citava Reich, era possível chegar a uma genuína transferência positiva. Acreditava-o que a transferência positiva não acontecia verdadeiramente no início da terapia, mas o que surgia a princípio era uma “pseudotransferência positiva”, tratando-se, na realidade, uma resistência encoberta, que evitava a emergência de material doloroso.

Com as modificações na estrutura de caráter e com a verdadeira transferência positiva, percebeu que não só os sintomas eram neuróticos, mas que o caráter em si era neurótico e que para a solução da neurose de caráter, era necessário que se regulasse a energia orgânica. Para se regular esta energia era necessário o rompimento da estase libidinal.

Estase, um dos muitos termos da linguagem reichiana, significa a ancoragem somática da neurose. Assim, a neurose estaseica é a perturbação física provocada pela libido insatisfeita, em função de uma inibição psíquica. A estase intensifica a inibição e reativa idéias infantis (desejos incestuosos e angústias sexuais). Realmente, Reich acreditava na afirmação de Freud de que a sexualidade era o ponto central das neuroses, tanto que afirmava que o cerne somático da neurose era a energia sexual reprimida.

Postulou que adequando a energia orgânica, a partir do rompimento da estase libidinal, alcançava-se a potência orgástica, sinônimo de capacidade de gratificação, através de descarga do excesso de energia no corpo, diferente de potência eretiva no homem ou de uma mínima resposta de prazer na mulher.



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FREITAS, Luciana Lorenzetti T. Análise do caráter: uma nova prática, para uma nova teoria. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. **Psicologia Corporal**. Revista Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, 2011. Disponível em: <http://www.centroreichiano.com.br/artigos-cientificos/>  
Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

A potência orgástica, no senso comum era, para o homem, a capacidade de realizar o ato sexual, com ênfase à quantidade; para a mulher, a capacidade de alcançar o orgasmo clitoriano. Em termos reichianos, a potência orgástica é a capacidade de se abandonar, livre de quaisquer inibições, ao fluxo de energia biológica. É a capacidade de descarregar completamente a excitação sexual reprimida, por meio de involuntárias e agradáveis convulsões do corpo (VOLPI, 2003, p. 56).

Com relação a Volpi (2003), quando alcançada à verdadeira potência orgástica, é presumível manter um nível energético saudável. Quando há canal de saída para a tensão sexual, a neurose, percebida como excesso reprimido de energia, não se sustenta.

Inversamente, a impotência orgástica é o bloqueio da energia biológica, que provoca ações irracionais e neurose. A fonte de energia da neurose é precisamente a diferença entre o acúmulo e a descarga de energia sexual.

De tal modo, tornou-se indispensável distinguir vida sexual satisfatória de vida sexual insatisfatória. Esta foi uma expedição solitária de Reich (1982), dado que para a Psicanálise, e mais ainda, para os psicanalistas, a análise do comportamento sexual dos pacientes era absolutamente tolhida.

A abrangência da potência orgástica, observado por Reich em seus pacientes, levava a mudanças definitivas na pessoa, tal como suas atitudes em relação à sociedade e a si mesmas: alguns costumes sociais tornavam-se incompreensíveis, face à possibilidade de autorregulação; seu corpo tornava-se relaxado e expressivo, mais vivo e menos rígido; a pessoa tornava-se capaz de se dar livremente e de reagir espontaneamente.

Com isso, foi constatado que a libido era mais do que um conceito psíquico, era uma energia, presente no corpo. Fazendo uso de um aparelho chamado galvanômetro,

Reich realizou pesquisas estudando e medindo as reações epidérmicas durante o ato sexual.

Com isso concluiu que o prazer associava-se a uma corrente elétrica na superfície da pele (VOLPI, 2003).

Era a evidência concreta de uma energia concreta: a libido. Desvendou que a vivência do prazer durante o ato sexual esvaziava o conteúdo neurótico. A pessoa livrava-se de idéias perturbadoras e complexos.

Considerando o conceito de potência orgástica, na prática confirmou o conceito de couraça, como produtora e mantenedora da neurose (caráter, em termos reichianos).



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FREITAS, Luciana Lorenzetti T. Análise do caráter: uma nova prática, para uma nova teoria. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. **Psicologia Corporal**. Revista Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, 2011. Disponível em: <http://www.centroreichiano.com.br/artigos-cientificos/>  
Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

Reich conceitua a couraça como a confrontação da atitude social negativa diante da vida e do sexo e a ânsia individual por prazer, e que esta deriva da sociedade patriarcal, e contraria a natureza interior (VOLPI, 2003).

Reich recorreu ao corpo para encontrar resposta de o que de fato determinava e sustentava uma couraça. Esse questionamento, particularmente ao Sistema Nervoso Autônomo (SNA), à antítese simpático-parassimpático.

Aproximadamente tudo o que diz respeito ao simpático é sinônimo de contração, de ansiedade. Da mesma forma, ao que diz respeito ao parassimpático como sinônimo de expansão, de prazer. Nesse ponto, Reich deteve-se em duas das funções básicas do organismo: a sexualidade e a angústia.

Seguindo seu estudo, Reich descobriu que a couraça do caráter possuía um equivalente somático, o qual denominou de couraça muscular. Assim, tinha a possibilidade de mudar o caráter do indivíduo, mediante a flexibilização de sua couraça muscular, foi neste ponto que concentrou suas pesquisas no corpo, na energia sexual, no orgasmo.

Descobriu os bíons, vesículas energéticas formada pela decomposição da matéria e à sua frente descortinou-se uma série de novidades que levaram-no à ampliação de sua técnica da Vegetoterapia para a chamada Orgonoterapia, consolidando, assim uma nova ciência, a Orgonomia (VOLPI, 2003, p. 58).

Neste sentido, a análise do caráter seria uma técnica em busca de um ideal de correção terapêutica, no entanto é necessário lembrar que nada que se cronifique numa forma única pode suportar o movimento da vida, nem mesmo uma técnica perfeita.

### 3. COURAÇA COMO FORMA DE DEFESA

Conforme Reich (1989, p. 59), a couraça de caráter:

É a expressão concreta da defesa narcisista cronicamente implantada na estrutura psíquica. Além das resistências conhecidas, que são mobilizadas contra cada nova peça de material inconsciente, há um fator de resistência constante enraizado no inconsciente, que não pertence ao conteúdo, mas à forma. Como se origina no caráter, chamamos de resistência de caráter, a esse fator de resistência constante.

Ainda para esse autor, a resistência de caráter não se expressa em termos de conteúdo, mas na forma do comportamento típico, o modo de falar, andar, gesticular, e os



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FREITAS, Luciana Lorenzetti T. Análise do caráter: uma nova prática, para uma nova teoria. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. **Psicologia Corporal**. Revista Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, 2011. Disponível em: <http://www.centroreichiano.com.br/artigos-cientificos/>  
Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

hábitos característicos (como o indivíduo sorri ou escarnece se fala de maneira coerente ou incoerente, o quanto é polido e o quanto é agressivo).

Certas considerações levam o analista a designar como “resistências de caráter” um grupo especial que se encontra no tratamento do paciente. “Estas derivam seu caráter especial não de seu conteúdo, mas dos maneirismos específicos da pessoa analisada” (REICH, 1989, p. 53).

Em determinadas situações o caráter do paciente torna-se uma resistência. Na vida cotidiana, o caráter tem um papel semelhante ao que ele desempenha como uma resistência durante o tratamento: o de aparato de defesa psíquica. Daí falarmos de encorajamento de caráter, do ego contra o mundo exterior e o id (REICH, 1989, p. 59).

Neste sentido, a resistência de caráter que se manifesta formalmente também pode ser resolvida quanto ao conteúdo e remontar às experiências infantis e aos interesses instintivos, tal como o sintoma neurótico (REICH, 1989).

A couraça caracterológica, conforme Reich (1989), percebia que o caráter se forma como uma defesa contra a ansiedade criada pelos intensos sentimentos sexuais da criança e o conseqüente medo da punição. A primeira defesa contra este medo é o Mecanismo de Defesa do Ego conhecido por repressão, o qual refreia os impulsos sexuais por algum tempo.

À medida que as Defesas do Ego se tornam cronicamente ativas e automáticas, elas evoluem para traços ou couraça caracterológica. Esse conceito de couraça caracterológica de Reich inclui a soma total de todas as forças defensivas repressoras organizadas de forma mais ou menos coerente dentro do próprio ego. Para tanto, o desenvolvimento de um traço neurótico de caráter indicaria a dissolução de um problema reprimido ou, por outro lado, ele torna o processo de repressão dispensável ou modifica a repressão numa formação relativamente rígida e aceita pelo ego.

Destarte, Reich (1989), afirma que o traço de caráter neurótico não é exatamente similar a sintoma neurótico. A diferença entre esses traços neuróticos e os sintomas neuróticos repousa no fato de que sintomas neuróticos, tais como os medos, fobias, etc., são experienciados como desconhecido ao indivíduo, como elementos exteriores à psique, enquanto que traços de caráter neuróticos (ordem excessiva ou timidez ansiosa, por exemplo) são experimentados como partes integrantes da personalidade.

Entendia que a estrutura de caráter se forma como defesa contra a ansiedade da criança em torno de sensações sexuais intensas e o medo de punição que as acompanham. A primeira defesa é a repressão, que restringe temporariamente os impulsos sexuais. À medida





## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FREITAS, Luciana Lorenzetti T. Análise do caráter: uma nova prática, para uma nova teoria. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. **Psicologia Corporal**. Revista Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, 2011. Disponível em: <http://www.centroreichiano.com.br/artigos-cientificos/>  
Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

que as defesas do ego tornam-se cronicamente ativas e automáticas, elas se transformam em traços estáveis de caráter que se combina para formar o sistema individual de couraça do caráter. A couraça do caráter inclui todas as forças defensivas repressoras, que formam um padrão coerente do ego.

O comportamento do paciente, segundo Reich (1976, apud Henriques & Eisenreich, 2008), “o modo, olhar, linguagem, fisionomia, vestimenta, aperto de mão, etc, não é apenas imensamente subestimado em termos de sua importância analítica; ele normalmente é totalmente ignorado”.

Traços de caráter não são sintomas neuróticos. A diferença, segundo Reich, está no fato de que os sintomas neuróticos (tais como medos e fobias irracionais) são experimentados como alheios ao indivíduo, como elementos estranhos à psique, ao passo que os traços neuróticos de caráter (ordeirismo extremo ou timidez ansiosa, por exemplo) são sentidos como partes integrantes da personalidade.

Ao observar as tensões corporais, percebeu que elas se estabeleciam em formas de anéis de couraças. As emoções estavam guardadas nos músculos, nas vísceras e que, portanto o trabalho terapêutico não poderia ficar só no que Freud propunha, de trazer à consciência o material reprimido do inconsciente, mas também propiciar uma revivência desse material, o que levaria (integralmente, junto com uma elaboração verbal), o paciente a se livrar do traço neurótico, da dificuldade que estava a apresentar.

O mecanismo modelador da couraça é a repressão, que atua como modo de evitar a dor, atenuar a angústia e assim proteger o organismo de ameaças reais e imaginárias. Ao reproduzir experiências frustrantes e ameaçadoras, internalizamos a interdição e nos fixamos em mecanismos de defesa. Com o tempo, estes mecanismos de defesa cronicam-se, integrando-se ao ego, a estrutura de caráter do ser.

Conforme Reich (1976, apud Henriques & Eisenreich, 2008), descobriu que a tensão muscular crônica bloqueia uma das três excitações biológicas básicas: ansiedade, cólera ou excitação sexual. Ele concluiu que as couraças físicas e psíquicas eram essencialmente as mesmas.

Basicamente, a couraça muscular está constituída pela soma das contrações musculares e por uma limitação funcional do processo respiratório. O espasmo da musculatura é o aspecto somático do processo de repressão, e a base de sua contínua preservação.

Deste modo, Reich descreve três ferramentas como principais responsáveis para invalidar a couraça:



### COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FREITAS, Luciana Lorenzetti T. Análise do caráter: uma nova prática, para uma nova teoria. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. **Psicologia Corporal**. Revista Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, 2011. Disponível em: <http://www.centroreichiano.com.br/artigos-cientificos/>  
Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

1. Aumentar a energia no corpo através de respiração profunda;
2. Atacar diretamente os músculos cronicamente tensos (através de pressão, compressão, etc.) para afrouxá-los;
3. Manter a cooperação do paciente lidando abertamente com todas as resistências ou restrições emocionais que surgirem. Utiliza estas ferramentas em cada um dos sete segmentos de couraça, com o objetivo de desaparecimento ou diminuição destas.

### REFERÊNCIAS

HENRIQUES, A. R. S.; EISENREICH, A. S. Potência Orgástica: um desafio para todos nós. Indo além das couraças musculares. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. Disponível em: <[www.centroreichiano.com.br](http://www.centroreichiano.com.br)> Acesso em: 14/10/10.

REGO, R. A. Psicologia. São Paulo: USP, 2003. Disponível em: <[www.scielo.br](http://www.scielo.br)> Acesso em 11/10/10.

REICH, W. Análise do Caráter. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

REICH, W. A função do orgasmo: problemas econômico-sexuais da energia biológica. 8.ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

VOLPI, J. H. Reich: da psicanálise à análise do caráter. Curitiba: Centro Reichiano, 2003.

**Luciana Lorenzetti T. de Freitas** - CRP-12/09259 - é Psicóloga, cursando especialização em Psicologia Corporal, na categoria clínica, no Centro Reichiano, Curitiba/PR.  
**E-mail:** [lu\\_lorenzetti@hotmail.com](mailto:lu_lorenzetti@hotmail.com)